

Para mim, cantou perfeito: DEZ!

Inês de Almeida Rocha¹

Int.: Dona Elza, olha aqui para a câmera e diga alguma coisa só para testarmos...

Profa. Elza: Que tempo feio!!!! Nublado!!!!



D. Elza é assim: moleca, travessa, menina, senhora, sábia em seus 97 anos de idade. No dia 22 de setembro de 2011, uma quinta-feira, encontrei-me com ela na Unidade Centro do Colégio Pedro II, situada na Avenida Marechal Floriano, esquina com a ruidosa Rua Camerino. Minha entrevistada, Elza da Costa Lima Wyllie, chegou um pouco antes da hora marcada, como já é um hábito seu. Felizmente já a conheço o suficiente e estava pronta à sua espera, com câmera preparada para filmar. Dessa vez, o Diretor da Unidade, professor Flávio de Oliveira Norte, cedeu-nos sua sala decorada com móveis escuros, austeros e com o busto do Imperador D. Pedro II, ainda muito jovem e sem sua famosa barba. Ali nos instalamos e iniciamos nossa conversa.

Int.: Dona Elza...

Profa. Elza: Vamos lá!

Int.: A entrevista que eu fiz com a senhora está sendo um sucesso! As pessoas estão gostando muito de ler as coisas que a senhora falou. A senhora está “bombando”!

Profa. Elza: Estou mesmo? Imagina! Ainda não contei nada...

Int.: Então, é por isso que nós estamos aqui. Eu fiz algumas pesquisas depois de nosso último encontro e descobri que tem outra entrevista sua, gravada no NUDOM², realizada pelo professor Geraldo Pinto e pela professora Beatriz Boclin, na qual a senhora conta

¹ Professora de Educação Musical da Unidade Centro do Colégio Pedro II, pertence ao Colégio Pedro II desde 1993. É Doutora em Educação (UERJ), Mestre em Música (CBM-CEU), Especialista em Educação Musical (CBM-CEU). Integra o naipe de soprano do Coro de Câmara da Pro-Arte e tem textos publicados na área de Educação, História da Educação, Música e Educação Musical. ines.rocha2006@hotmail.com.br

² Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II (NUDOM), situado na Unidade Centro: <http://www.cp2centro.net/historia/nudom/nudom.asp>? A transcrição integral impressa e a versão integral filmada da entrevista em DVD estão arquivadas no NUDOM. No presente artigo, fiz uma seleção de passagens que julguei mais interessantes.

algumas coisas também. Eu fui ouvir essa entrevista, para ver o que a gente poderia falar de diferente, para eu não chegar aqui e fazer as mesmas perguntas que a professora Beatriz fez. Lá eu sei que a senhora falou do concurso que prestou para entrar no Pedro II, do diretor Raja Gabaglia, de como era o uniforme antigamente, falou da disciplina que era exigida, falou da sua formação, das disciplinas que cursou, da sua atividade com professora, enfim, eu fiz algumas anotações com perguntas, baseadas nesse material, que farei ao longo de nossa conversa. O motivo principal, algo que chamou minha atenção, é que a senhora em nosso último encontro falou dos livros que usava. Eu estou iniciando uma pesquisa sobre livros de música, livros escolares utilizados nas escolas, e gostaria de que a senhora contasse um pouco mais sobre esse assunto. Por isso eu lhe pedi para trazer os livros aqui. A senhora trouxe quatro livros e assim a gente começa conversando sobre estes livros e depois eu vou fazendo as outras perguntas, ok?

Profa. Elza: Quando eu entrei aqui, o livro era da Maria Elisa.

Int.: Maria Elisa Freitas?

Profa. Elza: Sim, era um livrinho que tinha uns quadros grandes que nos auxiliavam, junto com o livro.

Int.: Eram imagens iguais às que tinham no livro, só que em tamanho maior, como se fosse um cartaz e, assim, as professoras poderiam mostrar para os alunos?

Profa. Elza: Sim. Depois tinha também o livro de solfejo. A gente tinha um trabalho muito grande. Primeiro, leitura rítmica, de notas e ritmo, depois com o som. Eles decoravam logo. Então, tinha o solfejo: mi, fá, sol, mi, dó, lá, sol... Eles nem olhavam mais no livro, ficavam brincando, olhavam para trás...

Int.: Decoravam com facilidade.

Profa. Elza: Decidimos fazer solfejo à primeira vista, passávamos no quadro e eles eram obrigados a olhar para o quadro. Aproveitávamos o trecho para inserir nele coisas que eram do programa daquela série: sinais de expressão, se fosse o caso, escala, bem... o que fosse do programa daquela série. Nós conversávamos em cada solfejo, sobre alguma coisinha, os andamentos... essas coisas todas.

Int.: Eles tinham que cantar... observar os símbolos...

Profa. Elza: E olhavam para o quadro. As aulas eram no salão...

Int.: Salão Nobre aqui na Unidade Centro?

Profa. Elza: Havia um quadro pautado que na hora que não era necessário saía do salão e eles, de uma certa maneira, achavam uma honra ter aula no Salão Nobre, porque, não

sei... era uma honra... era uma coisa fantástica... eles respeitavam o Salão Nobre. Quando entravam no salão, já entravam com um modo diferente.

Int.: A senhora acha que é a arquitetura, porque o salão é muito bonito, o teto muito bem decorado, tem um mobiliário de madeira...

Profa. Elza: E as figuras que estavam em volta...

Int.: Ah! As figuras que estão em volta do teto de pessoas eminentes da cultura...

Profa. Elza: Da cultura antiga e aquilo tudo impunha um certo respeito e não havia problema de disciplina.

Int.: A senhora acha que também pelo fato de o Imperador D. Pedro II usar aquele espaço... Eles tinham conhecimento de que ele havia usado aquele espaço, não é?

Profa. Elza: Sim, porque a parte histórica era muito importante.

Int.: Eles sabiam, então, que o Imperador usava aquele salão em momentos especiais para despachar.

Profa. Elza: Hoje eu vejo os alunos entrarem naquele salão... uaaaah! Naquela confusão, naquela maneira desprendida, irreverente dentro do salão, eu estranho aquilo. Porque eu acho que o salão, pela sua imponência deve ser respeitado. Ali é diferente, o ambiente é outro. Então, cada lugar, cada maneira de proceder. Eu dizia para meus alunos: seu procedimento na igreja é um, no jogo de futebol é outro, na festa dançante é outro, em um velório é outro completamente diferente. Cada atitude é de acordo com o lugar e com o que está se passando naquele lugar. Eu sempre chamava a atenção deles para isso.

Int.: Eles já chegavam para a aula com uma predisposição melhor, o espaço já impõe uma atitude.

Profa. Elza: O resultado era muito bom, mas muito bom. Eu me espantava com o resultado. O que a gente conseguia deles era fantástico e assim a gente progredia, porque cada turma naquela ocasião era um pequeno coral. A gente fazia música a duas vozes, a três vozes, fazia tudo. Não era só a uma voz, não. Dentro da sala de aula, a gente trabalhava com vozes.

Int.: A senhora se refere ao período de turmas mistas ou ao período quando as turmas eram só de meninos?

Profa. Elza: Não, meninos à tarde e meninas de manhã.

Int.: Então esse coral a que a senhora se refere que era a várias vozes era feito apenas com vozes de meninos.

Profa. Elza: Sim, meninos. A gente sabe que a transição da voz deles é muito violenta. Ficavam meio desafinados, era mais difícil que com as meninas. A transição das meninas

é mais fácil. A dos meninos, não. Mas, o negócio é o seguinte: é não deixar que ele pense que nunca pode cantar. Ele tem que cantar. Então eu dizia: no momento é melhor você ouvir. Por isso Villa-Lobos botou o nome de ouvinte. Não é desafinado. Nunca diga a um aluno que ele é desafinado; no momento, ele é ouvinte. Mas ele tem que cantar para ver se ele já afinou. E era assim que a gente fazia. Chamar aluno de desafinado: não, de maneira alguma! Desafinado... Então sou desafinado e não vou cantar mais. Não é assim! E o resultado era muito bom. Eles gostavam de cantar. Porque a aula tinha que ser dividida, a parte teórica, a parte prática e cantar. Eu fazia eles cantarem muito.

Int.: Então havia três momentos na aula? Eles eram distintos ou em algum momento havia um entrelaçar? A senhora identifica três enfoques: o teórico, o prático e o canto. Eles eram separados: agora é a parte da teoria, agora é a parte da prática, agora é a parte do canto? Como acontecia isso?

Profa. Elza: Não, eu jogava. Eu não fazia sempre a mesma coisa. Eu mudava. Eles gostavam muito de cantar, e isso me encantava! Eu é que ficava encantada. Por exemplo: no período da guerra foi a época mais interessante que eu passei aqui, porque eles cantavam com entusiasmo os hinos do Exército, da Marinha e da Aeronáutica. Eles cantavam as músicas de guerra - Canção da Cavalaria, Canção da Artilharia - com entusiasmo e cantavam também a canção dos Expedicionários, que era uma canção cantada pelos Pracinhas que já estavam na Guerra. E era tanto o entusiasmo deles, que eles me carregavam com eles, eu ia junto. No outro dia, eu estava pensando que naqueles momentos era tal o entusiasmo deles, a força com que eles cantavam, que eu tenho a impressão que, naquela hora, eles estavam na guerra, na Itália. Estavam lutando junto com os Pracinhas. Eles estavam na Itália, e eu ia junto com eles e ficava muito cansada!

Int.: rrsrrsrr ... Era muito longe, não é, D. Elza?

Profa. Elza: É e eu tinha que voltar para a casa.

Int.: Mas era uma orientação fazer esses hinos pátrios, fazia parte do programa.

Profa. Elza: Fazia.

Int.: Ou eram eles que tinham vontade de cantar?

Profa. Elza: Não, naquela época ficava um pouco a cargo do professor. Eu sempre fui entusiasmada por marchas e cantos patrióticos e o meu Mestre Villa-Lobos incutiu mais em mim essa coisa de Brasil, Brasil, Brasil. Eu fiquei embrasileirada pelo resto da vida. Eu sempre gostei da parte patriótica. Eu sou patriótica, e amo mesmo a minha pátria, no sentido completo. Eu acho que me entregava muito e puxava um pouco para esse lado.

Int.: E a senhora acha que eles respondiam bem?

Profa. Elza: Na ocasião da guerra, não é? Aquilo tudo estava fervilhando. As meninas já não tinham esse entusiasmo. As meninas, como diziam, eram mais Ana Neri. Elas eram as que vinham curar os doentes, os feridos, eram mais calmas. Era outro sentimento. As meninas eram outras. Agora, os meninos eram guerreiros, eles iam para a Itália.

Int.: A senhora acha que isso foi só no momento da guerra ou foi se transformando?

Profa. Elza: Não, ficou por muito tempo, por muito tempo eles gostavam dos hinos. Cantavam sempre com entusiasmo e aprendiam os quatro hinos na íntegra. Fazia parte do programa.

Int.: E havia ocasiões em que eles tocavam essas músicas fora de sala de aula?

Profa. Elza: Havia solenidades. No dia da República, cantava-se o Hino à Proclamação. No dia da Bandeira, o Hino à Bandeira. No dia da Independência, o Hino da Independência.

Int.: Isso era em sala de aula ou havia na escola uma cerimônia?

Profa. Elza: Havia sempre na escola uma hora em que eles eram chamados para cantar o hino do dia.

Int.: E a escola toda parava para o hino daquela atividade?

Profa. Elza: Aí eles cantavam. Era obrigatório ensinar em sala de aula os quatro hinos. Eles sabiam cantar, sabiam quem eram os autores, falavam sobre os autores dos hinos, sabiam a parte histórica.

Int.: O significado da letra... a parte histórica dos hinos...

Profa. Elza: Então, como eu disse, na época da guerra foi um show. Show de patriotismo à flor da pele, e eles cantavam com entusiasmo.

Int.: A senhora acha que atualmente ainda caberia esse tipo de canto? Como a senhora vê estas mudanças agora? Porque aqui na escola, por exemplo, não se faz mais a cerimônia do Dia da Bandeira ou do Dia da Independência...

Profa. Elza: Eu acho que deveria voltar, de ser mais cantada nessas datas de uma forma mais geral na escola. Porque não estou vendo que isso, que a falta do civismo esteja ajudando. Eu tive uma aluna, no Colégio Rio de Janeiro, no qual eu dava aulas de Educação Moral e Cívica, e a menina um dia falou: “Meu pai disse que assim não adianta nada, porque, enquanto eu estou aprendendo essas músicas todas, há muita roubalheira”. O pai dela era médico. Aí eu disse: “Você vai levar um recado para o seu pai, você vai dizer ao seu pai, que o homem é o homem e a pátria é a pátria”. Então, a pátria é inatingível: a diferença é essa. Ela, vinte anos depois, em uma festa da escola, quando uns ex-alunos voltaram, ela disse: “Professora, a senhora se lembra daquele dia em que

eu falei com você o que meu pai havia dito?” Eu me lembro. E você falou assim: “Homem é homem” - ela repetiu o meu gesto - a “Pátria é a pátria”. Ela fez o meu gesto, vinte anos depois.

Int.: Ela repetiu o gesto, veja como isso ficou marcado.

Profa. Elza: Eu acho que há coisas que marcam. Não devemos esquecer isso. Eu, outro dia, assistindo a um jogo de futebol pela televisão, com aquelas bandeiras nacionais que enchem as arquibancadas, vi uma coisa que me revoltou. Um cavalheiro estava com a bandeira nas costas. Estava muito calor e ele resolveu limpar o rosto...

Int.: Com a bandeira do Brasil...

Profa. Elza: Eu fiquei muito revoltada. Quando eu comecei aqui no Pedro II, eu passava de bonde por aquele quartel da Rua Frei Caneca e, quando estava acontecendo a cerimônia da bandeira, o tráfego parava todo. Enquanto a bandeira não estivesse no alto, ninguém andava. O guarda apitava para parar e, quando estava lá em cima, apitava para andar. Ninguém buzina, respeitava-se a cerimônia.

Int.: “A que a senhora atribui esse sentimento na época? A escola teria alguma função nisso?”

Profa. Elza: Na escola havia essa preocupação. Havia uma matéria: Moral e Cívica, não é? E o civismo surtia, realmente, esse efeito de respeito aos símbolos. Não estou vendo nada disso.

Int.: Não era medo o que as pessoas tinham? Ou faziam porque era obrigado? Eles tinham que cantar e por isso eles tinham algum tipo de medo?

Profa. Elza: Eu não acho que fosse porque era obrigado.

Int.: Eles se identificavam?

Profa. Elza: Eles se acostumavam e respeitavam. Aqui quando tem o hino, eles não respeitam?

Int.: Respeitam. Nós não temos problemas.

Profa. Elza: Eles estão cantando o hino muito bem. Aqueles quatro dós, que não eram respeitados, agora toda a escola canta, direitinho. (D. Elza cantarola ao falar a letra) Ouviram do Ipiranga... naranam... De um povo.... E o sol... Brilhou... os quatro dós. Porque era obrigatório o ensino do hino como ele está escrito! O maestro Villa-Lobos era exigente com isso, muito exigente. Era exigido que respeitássemos o que estava escrito: letra e música. E era o que a gente fazia.

Int.: D. Elza, que outros tipos de música se cantavam também, além dessas patrióticas?

Profa. Elza: Nós cantávamos músicas para a escola, nós tínhamos vários autores que escreviam justamente música para a escola. Sempre com o fim de exaltação à Bandeira, à natureza, tudo muito bonito, coisas muito bonitas.

Int.: A senhora lembra de algum compositor que a senhora gostava de cantar?

Profa. Elza: José Vieira Brandão. Maravilhoso! Sylvio Salema. A Lucília Guimarães Villa-Lobos escrevia para a escola.

Int.: Ela trabalhou aqui na escola?

Profa. Elza: Que eu saiba não. Gazzy de Sá. O filho dele até hoje trabalha com corais em Niterói. Até o Frutuoso Viana escreveu hinos. Aqui no colégio, o professor Sá Roriz escreveu uma marcha linda: *Canta Mocidade*. E essa música desapareceu, é daquilo que eu te digo, que eu falei: tira o armário daqui, leva lá pra cima, tira lá de cima, leva lá pra baixo, vai pra quadra. A sala do Coral caminhou esse colégio inteiro e a cada caminhada, algumas coisas se perdiam. Agora está aqui, olha!

(Ao entrar na sala para a entrevista, D. Elza chamou minha atenção para um armário que foi recuperado e está muito bem conservado)

Int.: D. Elza, conta a história desse armário para nós?

Profa. Elza: Caminhava muito. Subia, descia, andava para lá, andava para cá.

Int.: rrsrrsr E me diga, por que que ele caminhava tanto?

Profa. Elza: Porque a sala mudava.

Int.: Ah! Ele ficava na sala de música?

Profa. Elza: Sala do Coral. Depois a sala de música passou a ser a sala onde o aluno tinha aula. Saíram do Salão Nobre e ficaram dentro da sala. Agora finalmente tem uma sala de música que não tinha. Nós andávamos para lá e para cá... e o armário atrás de nós. O armário e a D. Paulina. A D. Maria Paulina não se separava desse armário.

Int.: rrsrrsr Além desse armário, de que outros móveis, de que outros objetos a senhora se lembra?

Profa. Elza: Não tinha nada. Só o piano no Salão.

Int.: O piano de cauda que ainda está no Salão de Leitura.

Profa. Elza: E olhe lá... Agora, você sabe como eram as provas?

Int.: Não. Conta.

Profa. Elza: Tinha a prova escrita, prova oral, igual às outras matérias. Porque a música sempre foi igual às outras matérias em nota, provas, tudo igual.

Int.: O mesmo sistema de avaliação aplicado às outras, era aplicado à música?

Profa. Elza: Aumentei porque aquele pontuado que ele fez: Ou ficar a Pátria livre / Ou morrer... (D. Elza cantarola) ninguém faz: Ou ficar a Pátria livre / Ou morrer (D. Elza cantarola enfatizando a figura de ritmo pontuada) não fazem o pontuado. O garoto para mim mereceu dez só por causa daquele pontuado. Para mim, cantou perfeito: DEZ! Aumentei a nota dele para ele não ser rebaixado. E a Maria Elisa levou o maior sabão da vida dela porque deu cola para o aluno. rrsrsrsr. Mas o garoto, francamente, eu não esperava que o garoto fizesse isso: meu filho... Eva, Eva... Risto da Veiga!

Int.: D. Elza, essas histórias são deliciosas!

Profa. Elza: Isso merecia fazer um esquete, porque foi uma cena... só quem assistiu como eu assisti, pode avaliar o que foi.

Int.: E felizes de nós que temos a senhora para nos contar essas histórias deliciosas.

Profa. Elza: É maravilhosa essa história!

Int.: A senhora fala e eu vou me empolgando... Vamos olhar os nossos livros? Fale algo sobre eles, por favor. (D. Elza havia colocado sobre a mesa quatro livros que trouxe de casa para mostrar-me). O primeiro de que a senhora vai falar, é desse que a senhora gosta? (Ela pega o primeiro exemplar)

Profa. Elza: Esse aqui é bonzinho. Esse aqui é bonzinho.

Int.: Por que a senhora acha ele bom?

Profa. Elza: Aqui tem a parte histórica, muito bom. Esse aqui... ela pega um livro encadernado com capa dura de cor verde). Essa coleção é muito boa. Aqui, por exemplo, tem a música das Américas. É muito bom porque, além da parte histórica, tem gravuras. Eu tirava coisas daqui para dar o folclore, que a gente tinha que dar.

Int.: Quem é o autor? Deixa eu ver... (folheio o livro) *História da Música na América*, de Wagner Ribeiro, Editora FTD, São Paulo, 1965. É uma coleção. Os volumes são: *Elementos de Teoria da Música*, *História da Música no Antigo Continente*, *História da Música na América*, *Antologia de Cantos Orfeônicos e Folclóricos–Parte 1...*

Profa. Elza: Esse eu tenho.

Int.: *Antologia de Cantos Orfeônicos e Folclóricos – Parte 2...* Então... Ah! Olha só, tem aqui a partitura com a letra...

Profa. Elza: Eu tirava muita coisa daqui. É um livro muito bom.

Int.:... Ah! Souza Lima, falando também de... Bidú Saião... José Siqueira... fala dos brasileiros, e então... fala, D. Elza, Ari Barroso!! Música Popular, claro, não é?

Profa. Elza: Claro!

Int.: Olha, Sinhô! Alberto Nepomuceno.

Profa. Elza: Alberto Nepomuceno escreveu para coral. No Colégio Paulo de Frontin, o orfeão era Orfeão Alberto Nepomuceno. Ele fez *Invocação à Cruz* e *Um Baile na Flor*. Muito bonito, escrito para coral. Quando eu estava lá, eu tive o coral de lá, era um coral feminino, a escola era feminina. Esse coral cantava o *Baile na Flor* e a *Invocação à Cruz*, de Alberto Nepomuceno.

Int.: Essa escola era estadual ou particular?

Profa. Elza: Era estadual. Na Rua Barão de Ubá, na Tijuca.

Int.: A senhora se lembra do período em que trabalhou lá?

Profa. Elza: Trabalhei lá no mesmo período daqui.

Int.: Na década de 40, 50?

Profa. Elza: É, 43, 45, por aí a fora. Meu coral era muito bom. Era feminino e eu fazia música a quatro vozes. Tirava do canto com vozes masculinas e transformava das vozes masculinas para as vozes femininas, para as contraltos. Tinham muito boas contraltos, e assim fazia as músicas daqui desse livro. Isto aqui é um tesouro de valor inestimável.

Int.: *Canto Orfeônico*, de Heitor Villa-Lobos.

Profa. Elza: Aqui tem tudo. Se você folhear, você vai ver quem escreveu as letras dessas harmonizações. Quem escreveu, quais foram os poetas. Aqui tem essa joia rara que é *Invocação em Defesa da Pátria*.

Int.: *Saudação a Getúlio Vargas, Canção dos Artistas*, música de Villa-Lobos.

Profa. Elza: Veja os autores das letras.

Int.: Raul Pederneiras fez a *Canção dos Artistas*. *Saudação a Getúlio Vargas* é também de Villa-Lobos. *Alerta, Canção dos Escoteiros*, letra e música de Becheline.

Profa. Elza: Isso aí é antigo.

Int.: *Mar do Brasil*, de Sylvio Salema. *Canção Artilheiro da Costa*, Coronel Luis Lobo. *Deodoro*, que é de Leôncio Correa... Francisco Braga.

Profa. Elza: Pois é, só gente de primeira. Olavo Bilac é o autor da letra à Bandeira.

Int.: *Duque de Caxias*, que é música de Francisco de Paula Gomes e Aquino Correia. *Canção da Imprensa*, de Murilo Araújo. A senhora está procurando é...

Profa. Elza: *Invocação em Defesa da Pátria*.

Int.: Olha! Nozaniná, que foi recolhido por Roquette Pinto.

Profa. Elza: Eu acho que está aqui, não está?

Int.: Isso, *Invocação em Defesa da Pátria*, de Manuel Bandeira.

Profa. Elza: Pois é. Você vai ver Manuel Bandeira nesse primeiro livro à vontade.

Int.: A senhora conheceu ele?

Profa. Elza: Conheci.

Int.: Foi seu colega de trabalho, não foi? Fala um pouco dele, D. Elza.

Profa. Elza: Conheci assim, quando ele comparecia lá com Villa-Lobos.

Int.: Faustino, *Tamborzinho*, de Haroldo. *O Vira*.

Profa. Elza: *O Vira* é muito bom. Não é difícil, parece que é, mas não é.

Int.: Vamos ver esse outro aqui... *Bazou*, Domingos Magalhães. Se eu passar por algum que a senhora gostava de fazer a senhora me avisa, tá? Ah! *Estrela é Lua Nova*.

Profa. Elza: (D. Elza começa a cantarolar) Estrela no céu é lua nova cravejada de ouro é macumbêê... (Continuamos a folhear o livro e D. Elza cantarola outra) Essa hora sombria do mundo...

Int.: Letra de Gustavo Capanema, que era Ministro.

Profa. Elza: (Ela cantarola) Mas unidos seremos... (ela murmura a letra)...nananana a nossa divisa... nananana...vitoria... aqui tinha um negócio bonito: Vitória! Vitória! Vitória! Vitória! Vitória! Com acorde...tudo com acordes. Isso é da época da Guerra, viu. O coral dos professores, ah! O Coral dos Professores...

Int.: Daqui do colégio?

Profa. Elza: Não. Os professores daqui faziam parte. Porque quem mandava na música no Rio de Janeiro era Villa-Lobos.

Int.: A senhora está se referindo ao Orfeão de Professores que Villa-Lobos dirigiu.

Profa. Elza: Ah! Esse eu fiz na escola. (D. Elza canta) Prá Frente, ó Brasil... nanana... veja o acorde... Mar... tem um acorde no mar... bonito pra caramba! Sempre pelos montes, pela terra a marchar, pelas estradas... Isso é lindo!!!! Só tendo à frente o Brasil!!!! Passo em passo... nanana Ah! Como é lindo o Brasil! Veja a parte do canto.

Int.: Muito bonito, D. Elza!

Profa. Elza: O céu cor de anil! Na música, dele... o céu do Brasil é mais anil, o mar é mais azul, os pássaros são mais coloridos, eles cantam muito melhor que os outros pássaros, o verde é mais verde, o sol é mais ardente, é tudo pra cima, nada para baixo.

Int.: *Canindé Iune*...

Profa. Elza: *Canindé Iune*...nananana. Tem muita coisa aí.

Int.: Havia alguma em especial de que os alunos gostassem mais, dentre essas aqui? *Boas Vindas!* Amigo... seja bem vindo...

Profa. Elza: A casa é sua...

Int.: Não faça cerimônia...

Profa. Elza: Veja de quem é a letra.

Int.: Manuel Bandeira. Vá pedindo.

Profa. Elza: Vá mandando.

Int.: Está aqui.

Profa. Elza: Tem várias. Essa aqui o que é? *Feliz Natal*. Essa é tão alegre! Feliz Ano Novo, minha gente... *Feliz aniversário!*

Int.: Todas essas de Manuel Bandeira

Profa. Elza: Essa aqui é muito bonita. *Boas Vindas! Feliz Natal. Feliz Ano Novo.*

Int.: D. Elza, a senhora trabalhou também na Unidade Tijuca, não é? Fala um pouquinho desse período.

Profa. Elza: Na Tijuca, eu era coordenadora de lá. Eu organizei o coral, mas tinha gente muito boa por lá. Depois que eu saí ficou a Iara. A Iara fez um coral muito bom.

Int.: A senhora lembra o sobrenome dela?

Profa. Elza: Eu não me lembro... Mas eu sei que a Iara está aposentada, mas ela toca teclado em festas. Ela é o teclado dela é diferente de todo o mundo. Ah! É outra coisa! Eu sei que é um teclado mágico.

Int.: E que outras professoras a senhora lembra lá da Tijuca?

Profa. Elza: Na Tijuca tinha a Simy Salgado. Tinha Aline Campelo. A Aline era perfeccionista. Era daquelas que o negócio tinha que ser perfeito. Eu acho que a aula depende do professor. A maneira de apresentar a aula é pessoal. Não tem regra, é da pessoa. Daí a diferença, não é?

Int.: E mulheres compositoras desse período, a senhora se lembra de alguma?

Profa. Elza: Tinha uma... como era o nome dela? Lembro da Lucília Guimarães. Depois mais recentemente tinha outra... mas depois acabou a música na escola...

Int.: Cacilda Borges Barbosa?

Profa. Elza: Cacilda Barbosa! Grande professora e também uma compositora bem boa.

Int.: Ela trabalhou no SEMA, junto a Villa-Lobos.

Profa. Elza: Trabalhou.

Int.: Ela cantava também com a senhora no coro?

Profa. Elza: Todo mundo cantava no coral, era obrigatório. O ensaio era nas quintas. O geral era no Teatro João Caetano. Nas Grandes Concentrações Orfeônicas, o grande contingente era da Escola Primária, e até hoje eu não sei como é que a gente conseguia meter na cabeça daquelas crianças música a quatro vozes.

Int.: Como era, D. Elza?

Profa. Elza: *Invocação em Defesa da Pátria* era uma, porque, na segunda parte, era boca fechada e tinha a soprano que passeava em cima dos acordes.

Int.: Cantando o solo.

Profa. Elza: No caso aí, foi a Violeta Coelho Neto Freitas, no Campo do Vasco, com uma túnica branca. Parecia uma aparição e ela fez o solo.

Int.: Como se fosse uma santa? Algo assim?

Profa. Elza: Ela estava assim com uma veste branca no meio do Campo. E o coral na arquibancada com a boca fechada e ela fazendo a melodia lá em cima, soprano,,Que coisa maravilhosa! É uma coisa de louco essa música, vale a pena. Tem uma gravação aí no colégio.

Int.: D. Elza, a senhora acha que tem diferença entre um professor de música e um professor de Canto Orfeônico?

Profa. Elza: Bom, porque nós éramos treinados para o ensino na escola. É diferente. Você tem o curso na Escola de Música, mas você não foi treinada para lidar numa escola, lidar com criança, lidar com jovem. Você sabe tudo, só falta saber aplicar. Dá certo, mas o Canto Orfeônico canalizava, já, para o ensino de música na escola.

Int.: Como é que seria o preparo desse professor?

Profa. Elza: O preparo do professor... Tem muita gente com muito preparo, muito preparado mesmo. Agora, o ensino na escola é diferente. A gente tem que procurar chegar ao aluno. Não o aluno nos chegar a nós. Ele vai chegar, mas é depois. Primeiro você tem que chegar a ele. Ele tem que confiar em você, o que você sabe, mas que ele pode aproveitar. E depois chega a um ponto de união entre professor e aluno que o professor consegue tudo. Ele vai fazer tudo que o professor exige. Ele vai fazer.

Int.: A senhora, então, acha que essa base do relacionamento entre professor e aluno é fundamental?

Profa. Elza: Isso é fundamental! E tem mais uma coisa, eu acho que o professor, quando vai enfrentar uma turma pela primeira vez, o primeiro contato da turma com o professor, o aluno tem que sentir que ali está um amigo, entendeu? Isso depende do professor. Ali está um amigo, não está um verdugo que vai exigir dele aquilo que ele não pode dar. Isso é importantíssimo. Essa coisa de amizade entre o professor e o aluno não quer dizer que o professor não vai exigir do aluno o que ele deve exigir, mas ele sabe que o professor é amigo dele. É um amigo, não é um inimigo. Mas tem professor inimigo, isso tem. Nós sabemos que tem. Isso é perigoso...

Int.: Olha aqui, são dois cadernos, um pertence a Laura D. Pinto.

Profa. Elza: Era da Laura.

Int.: A gente vê um ditado.

Profa. Elza: Ditado?

Int.: Está escrito. Aqui diz que é de aula de ritmo e som, primeiro ano. Aí tem o ditado. Tem uma série de ditados, tem os tempos marcados. Tem alguns ritmos. Aí vem falando sobre o ritmo. Ah! Ditado D. Julieta.

Profa. Elza: Ah! Isso aí era o caderno dela do curso de Canto Orfeônico. Ela fez o curso de Canto Orfeônico.

Int.: E Julieta, quem era ela?

Profa. Elza: Julieta era professora do curso.

Int.: A senhora lembra o sobrenome dela?

Profa. Elza: Julieta era irmã da Arminda Villa-Lobos.

Int.: Ela passava... aqui, classificação de intervalos. D. Leonides. Aula de intervalos, devia ser professora de matéria teórica. Hino Nacional, prática do canto orfeônico. Tem uma cifragem, aqui: C E E C. Deve ser para algum acompanhamento. Então isso é precioso. É o caderno que D. Laura usava nas aulas.

Profa. Elza: Nas aulas do curso de canto orfeônico.

Int.: Ritmo: Iberê.

Profa. Elza: Iberê Gomes Grosso. Era professor, violoncelista. Era bom professor.

Int.: Que preciosidade. Esse outro aqui, também, parece... acompanhamento das fichas pastorais. Eu tenho encontrado lá na sala de música algumas coisas com hinos religiosos. Havia também essa parte de canto de hinos religiosos?

Profa. Elza: Porque aqui tinha o ensino religioso e a professora que trabalhava aqui conosco nos pedia para a gente colaborar. Eles cantavam muita coisa. E quando o Papa teve aqui, há muitos anos, nem sei que Papa era esse, já não me lembro, nós fizemos parte da missa. Era num terreno, um espaço do morro do Castelo, que ficou aberto. E nós fizemos o curso de canto gregoriano com umas irmãs e o colégio cantou o canto gregoriano. Nós fizemos o curso e demos para o colégio. O colégio tomou parte, mas eram as turmas, não era o coral, não. A Laura era católica praticante. Eu sou uma católica... vai da valsa.

Int.: D. Elza, a última pergunta que eu quero fazer para a senhora é sobre um aluno da senhora que lhe acompanha até hoje, que é o maestro Morelenbaum.

Profa. Elza: O Morelembaum... rrsrsr

Int.: Conta.

Profa. Elza: O Henrique...

Int.: Conta essa história, porque ele me conta umas coisas... que tinha aula com a senhora, que tocava violino... Conta.

Profa. Elza: O Henrique, eu vivia muito frustrada porque eu não tinha ensinado ainda nada ao Henrique. Porque ele sabia tudo. Ele era da Escola de Música. Aí um dia eu fui dar uma aula sobre escala. Botei a escala modelo no quadro. Bom, agora vamos começar com a nota sol. Vamos ver o que a gente encontra pelo caminho. Um tom, um tom, sol, lá, si dó, um semitom, ré, mi, fá. Mas aí tinha que ser um tom e estava um semitom, o que a gente faz? Vamos subir esse fá? O que nós vamos fazer para elevar esse fá. Ah! Botar um sustenido. Então, fá sustenido, sol. Então a escala de sol tem um sustenido que é o fá. E para a gente não ficar botando esses sinaizinhos toda a vida, vamos botar no princípio. É a armadura de clave e fui andando... Aí ele olhou para mim e disse assim: “Eu sabia, eu decorei as armaduras, fá-dó-sol-ré-lá-mi-si, si-mi-lá-ré-sol-dó-fá, mas eu nunca soube porque que apareciam o sustenido e o bemol.” Eu disse: “Ah! Graças a Deus. Henrique, eu consegui te ensinar alguma coisa.

Int.: Ele tocava nas aulas?

Profa. Elza: Não, tocava em Hora de Arte.

Int.: Que o Grêmio organizava.

Profa. Elza: O grêmio antigamente era científico e literário.

Profa. Elza: Então, deve ter no NUDOM, ainda algum programa das horas que nós fazíamos. Fazíamos com declamação. Tinha umas meninas que declamavam que era uma beleza. Tinha esquetes, teatro, piano e violino. Tinha uma menina chamada Ignez Ferro, eu dava tudo para saber onde anda Inês Ferro, mas não sei. Sumiu.

Int.: Quem sabe a gente não a encontra no facebook.

Profa. Elza: Tocava violino. Ignez Ferro.

Int.: Eu vou procurá-la para a senhora.

Profa. Elza: Então, terminava sempre com o coral. Declamação, teatro, concertistas e coral. Sem o coral, nada feito. Fazia parte, mas era muito bem organizado. Alto nível.

Int.: D. Elza, o que a senhora achou da palestra do Sr. Haroldo Costa a que a senhora assistiu no outro dia?

Profa. Elza: Eu gostei, ele é ele mesmo. Ele é ele.

Int.: Autêntico.

Profa. Elza: Eu gosto de quem é quem.

Int.: A senhora se lembra dele na época de aluno?

Profa. Elza: Eu não me lembro dele aqui.

Int.: Alguma outra história do maestro Morelenbaum para a senhora contar? Ele era bom aluno?

Profa. Elza: Ele sabia tudo, não é?

Int.: Mas ele não ficava desmotivado por saber tudo? Ele gostava da senhora, não é D. Elza?

Profa. Elza: Ele era meu amigo. Os meus alunos eram todos meus amigos. Era tudo amigo. Eu tive um aluno, o nome dele é Aporandi, muito levado, mas não mal criado ou mal educado. Porque há diferença. Eu chamava e deixava ele ficar. Aporandi, você fica. Aporandi, você não vai chegar a lugar nenhum assim. Você é inteligente: “Você fala o tempo todo, não fica quieto. Parece que tem prego na sua cadeira! Que coisa! Ô! Aporandi! Eu soube que ele foi para uma escola de cadetes do Exército. Depois, passaram-se os anos, perdi o Aporandi de vista. Chegou um dia, num enterro, no São João Batista. Quem eu vejo, perfilado com o uniforme da Aeronáutica? O Aporandi! Já até com umas medalhas. Eu cheguei perto dele: Aporandi!!! Onde você achou esse uniforme? rrsrrsrrs

Int.: rrsrrsrrs

Profa. Elza: Professora, esse uniforme, a senhora tem parte nele. Lembra de nossas conversas?

Int.: Agora, seus alunos ocupam a senhora até hoje no coral, não é?

Profa. Elza: É, o Rogério é o vovô do coral.

Int.: Ah, é? Eles usam a senhora, não, D. Elza?

Profa. Elza: Não, eu brinco com eles. Eu aproveito. Quem está aproveitando sou eu.

Int.: Por que, D. Elza?

Profa. Elza: Porque eles podem ir sozinhos. O Rogério é muito jeitoso. Ele sabe dirigir coral. Ele sabe fazer arranjo, é inteligente. Mas eu vou para me distrair.

Int.: Mas a senhora é quem dirige o coral, é que comanda, não é?

Profa. Elza: Nós estávamos fazendo um plano dos sambas que marcaram época. Está difícil de arranjar, porque de uns anos para cá, nada marcou época. Veja só, Garota de Ipanema marcou época. O Trem das Onze marcou época. Algumas coisas do Dorival Caymmi marcaram época, todo o mundo cantou. As mais antigas é que marcaram época. Depois delas, não tem música. Não estou vendo música em lugar nenhum.

Int.: Essas a que a senhora se referiu são músicas que todas as gerações cantam. Garota de Ipanema, todas as gerações cantam! Agora, quais as músicas de hoje que todas as gerações cantam? É isso a que a senhora se refere como música que marca época?

Profa. Elza: Música que marcou. Todo o mundo cantou e continua cantando. Não tem. Ouvei um dia, indo para Petrópolis com o meu neto, ouve uma do Chico: o samba do malandro. Muito bom. Mas as coisas do Chico... qualquer uma é boa. Agora, marcar época: a Banda. Marcou. Uma musiquinha das mais banais que ele fez foi a que marcou. Agora o resto que está aí, sinto muito... é uma gritaria, uma coisa.

Int.: A senhora acha que o aluno tem que conhecer música clássica?

Profa. Elza: Olha, esse negócio de dizer que o povo não gosta de música clássica é conversa. A prova está que, quando há um concerto popular, fica cheio. Em local popular, fica cheio e todo mundo vai presta muita atenção e aplaude na hora certa. Como é que não gosta?

Int.: E não vão gostar do que é bom?

Profa. Elza: Ah! Quem é que não gosta do que é bom? Isso é chamar o povo de quê? Estão chamando o povo de quê? Que não tem sensibilidade? Mais sensibilidade que o brasileiro? Não existe. Não existe no mundo inteiro. Os próprios regentes que vêm aqui ficam admirados de como o nosso músico apreende logo o jeito dele. Por que isso? Sensibilidade. Isso é o que eu achava dos meus alunos. Por isso acabei com o solfejo do livro: decoraram. Rsrssrsrs.

Int.: rsrssrsrs

Profa. Elza: mi, fá, sol, mi, dó, lá, sol, mi, dó, lá, sol... rsrrs

Int.: rsrss (D. Elza sussurra algumas melodias imitando o gesto de alunos cantarolando e conversando entre si) rsrss

Profa. Elza: rsrssrsr

Int.: Posso lhe mostrar mais um livrinho que eu encontrei ali?

Profa. Elza: Pode.

Int.: Eu vi uns folhetos, estão aqui. Estão misturados, um deles fala de demonstração de Iniciação Musical.

Profa. Elza: Isso é do Conservatório.

Int.: Havia intercâmbio entre o Conservatório e aqui?

Profa. Elza: Não, não. A Laura foi professora lá.

Int.: Eu preciso organizar esse folhetos, porque, olha... Eu acho que deve ter umas coisas tão interessantes. Tem muita coisa do SEMA: *Boletim Mensal*, do SEMA. (D. Elza

examina o folheto enquanto eu procuro outros materiais que possam suscitar lembranças).

A senhora consegue identificar?

Profa. Elza: Nós, quando precisávamos de música, íamos lá ao SEMA.

Int.: Ia, não é?... José Siqueira.

Profa. Elza: Ah! Era aquele tal do... naquele tempo... era aquele tal de mimeógrafo a álcool, não é?

Int.: A senhora usou o mimeógrafo a álcool?

Profa. Elza: Só tinha ele. De José Siqueira, *Música para a Juventude*.

Int.: *Concone*, isso é um método de canto. *Brinquedos cantados*.

Profa. Elza: Ah! Isso é bom. Brinquedo cantado é bom.

Int.: Dora Pinto... Ciranda cirandinha, Senhora D. Sancha (D. Elza continua observando cuidadosamente os livros).

Profa. Elza: Isso é bom, é para Jardim de Infância. Agora, uma coisa que aconselho, aconselho não... que acho importante... ensaiar todas as vozes juntas. O quarto grupo tem que escutar o primeiro ensaiando. Tem que ter todo o mundo. Havia uma professora que tinha um ótimo coral, mas ela fazia assim: segunda-feira soprano, quarta-feira mezzo soprano, sexta-feira contralto. Ensaiava cada um. Uma perfeição. Agora, quando ela juntava você percebia cada linha. Quer dizer, faltava a (D. Elza entrelaça os dedos da mão direita com os da mão esquerda)...

Int.: A unidade.

Profa. Elza: O entrosamento. Porque, quando você sabe a voz do seu lado, instintivamente você se liga com ele e assim com o outro. Por isso eu acho muito melhor que todo o mundo conheça as vozes. É bom.

Int.: D. Elza, agora acabou a bateria de nossa filmadora. A senhora poderia dizer mais algumas palavras?

Profa. Elza: Mas, Ô Inês...

Int.: A câmera vai parar daqui a pouco, fala.

Profa. Elza: Mas aquela do... Eva, Eva, Eva, Risto da Veiga!!!!

Dias depois recebi um telefonema de D. Elza dizendo: “Eu esqueci de falar do manossolfa. Como poderia ter esquecido isso? Era tão importante em nossas aulas!”.

D. Elza faz suas narrativas sob uma ótica nacionalista tão vibrante que é possível contagiar até os mais céticos. O canto entusiasmado de seus alunos que entoavam letras patrióticas levava-a a viajar pelo espaço e a sentir-se em outro cenário, muito diferente da sala de aula repleta de adolescentes. Sem dúvida alguma, é um olhar conduzido pelos

valores adquiridos em sua formação de professora de Canto Orfeônico e por sua convivência com o Maestro Villa-Lobos, como ela mesma se refere. Assim ela ouvia o canto dos alunos e agora se lembra dele. Um sentimento muito próximo da veneração a algo sagrado: “A Pátria é inatingível”.

Pelas palavras de D. Elza, pode-se depreender um pouco do outro lado do projeto do Canto Orfeônico e encontrar elementos para analisar a forma como professores se apropriaram das ideias defendidas no projeto de música para as escolas, durante o Estado Novo. Mesmo demonstrando fidelidade a muitos fundamentos dessa proposta pedagógica, ela evidencia em seus relatos que o professor, caso desejasse, também encontraria formas de divergir e fazer valer aquilo que julgava ser uma prática pedagógica musical mais adequada. Mesmo com todas as críticas e reflexões, já exaustivamente exploradas em relação ao Canto Orfeônico por diversos pesquisadores, um relato como o de D. Elza demonstra o valor que a prática musical adquiria para alguns professores.

Ela se diverte com os fatos que relata, com as façanhas de seus alunos. Repete uma história já contada anteriormente em outra entrevista, mas com novos detalhes que lhe chegam, ao lembrar o mesmo fato. Não hesita em contar, também, algumas transgressões, sábias por sinal, em nome de valorizar a prática musical do aluno. Demonstra assim como o fazer musical é mais importante que a memorização de informações ou o nome de autores de hinos.